

REPORTAGEM ESPECIAL

Periferias gaúchas transformam talento em negócio

Gabrieli Silva

Especial para o JC

Nos mais de mil territórios periféricos e comunidades urbanas do Rio Grande do Sul, o empreendedorismo movimenta R\$ 12,5 bilhões por ano e envolve mais de 500 mil moradores, segundo levantamento da Central Única das Favelas (Cufa) e do Instituto Locomotiva em parceria com o IBGE. A cifra dimensiona uma economia que deixou de ser vista apenas como alternativa emergencial e passou a ocupar espaço próprio na geração de renda, consumo e trabalho. O fenômeno é mais forte no ecossistema dos pequenos negócios: micro e pequenas empresas e microempreendedores individuais (MEIs) representam mais de 90% das empresas ativas no Estado e respondem por quase oito em cada dez novos postos formais de trabalho, segundo dados do Sebrae RS e do Caged. Na periferia, a prestação de serviços lidera as atividades (42%), seguida pelo comércio (35%) e pela produção artesanal (21%).

A beleza é um dos motores dessa economia. O estudo Empreendedorismo nas Favelas, realizado pelo Data Favela em parceria com o Sebrae RS e a Cufa nas comunidades de Porto Alegre, aponta a beleza e a estética como a segunda área de atuação mais citada em geral (15%), atrás apenas de alimentação e gastronomia (21%) ganhando ainda mais relevância no setor de serviços, onde alcança 28% dos empreendimentos.

A atividade também é a espinha dorsal do orçamento familiar. Para 92% dos empreendedores periféricos pesquisados, o faturamento do negócio representa pelo menos metade da renda da casa — e para 42%, é a única fonte de sustentação do lar. O perfil do empreendedorismo periférico porto-alegrense é predominantemente negro (64%), composto por homens (65%) e com média de idade de 31 anos. No entanto, a força feminina ganha cada vez mais tração: no Estado, 43% dos novos negócios são liderados por mulhe-

res, impulsionados pela busca por autonomia financeira e flexibilidade de rotina para conciliar com o cuidado da casa e dos filhos.

A sobrecarga do cuidado e a responsabilidade pelo sustento do lar são marcas do empreendedorismo feminino em todo o País. Dados da pesquisa nacional Empreendedoras e Seus Negócios 2026, do Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME), mostram que 57,3% das empreendedoras brasileiras são as principais provedoras de suas famílias e 73,8% são mães (sendo quase metade mães solo).

É nesse ambiente de busca por emancipação que a profissionalização da beleza afro ganha escala. “O mercado da beleza voltado à população negra se consolidou como uma importante atividade econômica. Fortalecer esse segmento significa preservar saberes ancestrais, gerar renda e ampliar a autonomia de mulheres”, afirma Michel Nascimento, coordenador do Instituto Caminho.

O reconhecimento desse impacto também alcançou as estatísticas oficiais. A inclusão da profissão de trancista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) permite identificar e mensurar a atividade, antes diluída em categorias genéricas. Segundo Gerson Soares, da Superintendência Regional do Trabalho do RS (SRTE-RS), a medida amplia a visibilidade pública da ocupação. A CBO, contudo, tem caráter classificatório e não regulamenta a profissão: trabalhadores contratados pela CLT seguem a legislação trabalhista, enquanto autônomos dependem da própria contribuição previdenciária para assegurar direitos sociais.

Apesar da potência econômica, o setor avança em meio a barreiras estruturais. A informalidade ainda atinge 66% dos empreendedores na capital gaúcha. Entre os que operam sem CNPJ, os principais entraves apontados para a formalização são os custos de manutenção mensal (42%), os custos de abertura (31%) e a burocracia do processo (30%).

Leia mais nas próximas páginas >>

GABRIELI SILVA/ESPECIAL/JC

A profissão de trancista foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações

